

Ivete exige mínimo real para poder desindexar

“Poderia aceitar a desindexação total com os salários por último, mas reivindico, em troca, a colocação de um salário mínimo real que, segundo o Dieese, que é um órgão que representa o pensamento dos trabalhadores, está hoje em torno de 100 mil cruzeiros ou mais”. Esta foi a proposta da deputada Ivete Vargas anunciada ontem, após encontro com o ministro do Trabalho, Murillo Macêdo. Segundo afirmou, a visita não teve como objetivo falar sobre o expurgo — “pois me recuso a falar sobre ele” — mas, sim, resolver o problema da categoria de revendedor retalhista de derivados de petróleo, que quer ser reconhecida como profissão para efeito de enquadramento sindical.

Segundo Ivete, se houver uma desindexação total feita nos termos do Dieese, seu partido estará de acordo. Mas ela exige que o reajuste do salário mínimo reflete também nos demais salários. “Esse reajuste poderia ser feito nos termos propostos pelo senador Carlos Chiarelli: uma espécie de abono sobre o salário mínimo e sobre esta parte não incidiriam encargos previdenciários”.

De acordo com a deputada, o Dieese aceita a desindexação total. Mas considera que seu partido é ainda mais realista que isso: “reclamamos que o trabalhador é a parte mais fraca, mais sacrificada e, se houver uma desinde-

xação total, que haja também um reajuste do salário mínimo, procurando o salário real, que estaria em torno de 104 mil cruzeiros. “De qualquer forma, não posso raciocinar sobre hipóteses, pois a futurologia não faz parte da política”, acrescentou.

A deputada considera, ainda, que a forma mais justa para resolver o problema da crise seria, “obviamente”, segundo afirmou, uma desindexação total sem, no entanto, atingir os salários. “Isso tendo em vista que, inclusive, já houve anteriormente um arrocho salarial e tendo em vista que de 64 a 80, o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu no Brasil em 300 por cento e o valor real do salário decresceu em 30 por cento. Então, na realidade, prometeram ao trabalhador que se deixasse crescer o ‘bolo’, ele também participaria dele. Mas isso não aconteceu”.

Para Ivete, a única saída para o País, neste momento, seria a convocação das 150 nações que existem no mundo para uma nova conferência de Bretton Woods que, em 1944, foi realizada com a presença de apenas 44 nações. “Temos que compreender que é necessária uma moeda internacional, uma câmara de comércio e compensação internacional e, enfim, as várias medidas que na época foram propostas por Lord Keynes”.